

PADRE PIO

O mistério do Deus próximo

Coleção **BIOGRAFIAS**

- *João Paulo II: a biografia*, Andrea Riccardi
- *João Paulo II: santo já*, Andrea Riccardi
- *Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito. Diário de uma escrava que se tornou santa*, Roberto Italo Zanini (org.)
- *Madre Teresa: tudo começou na minha terra*, Cristina Siccardi
- *Oscar Romero e a comunhão dos santos*, Scott Wright
- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *Padre Ibiapina*, José Comblin
- *Padre Pio: o mistério do Deus próximo*, Saverio Gaeta
- *Padre Pio: os milagres desconhecidos do santo dos estigmas*, José Maria Zavala
- *Papa João XXIII*, Domenico Agasso Sr.; Domenico Agasso Jr.
- *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*, Pedro Lima Vasconcellos; Pedro Paulo Abreu Funari
- *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasmo*, Domenico Agasso Jr.

SAVERIO GAETA

PADRE PIO

O mistério do Deus próximo



Título original
Padre Pio – Il mistero del Dio vicino
© Edizioni San Paolo s.r.l., 2014
www.edizionisanpaolo.it
ISBN 978-88-215-9110-5

Tradução: *Ana Maria Pisani*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaeta, Saverio

Padre Pio: o mistério do Deus próximo / Saverio Gaeta, com entrevista concedida por Sérgio Castellitto; [tradução Ana Maria Pisani]. — São Paulo: Paulus, 2016. — Coleção Biografias.

Título original: Padre Pio: *il mistero del Dio vicino*.
ISBN 978-85-349-4361-1

1. Pio, de Pietrelcina, padre, 1887-1968 I. Castellitto, Sérgio. II. Título. III. Série.

16-03795

CDD-922.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Padres católicos: Biografia 922.2

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4361-1

APRESENTAÇÃO

Laura Bellomi entrevista o ator Sergio Castellitto

“Eu ainda sonho com ele; a sua forma de viver sem desprezar o destino provoca, continuamente, questionamentos dentro de mim.” Vários anos após o filme *Padre Pio*, produzido por Angelo Rizzoli, pela Videotrade Audiovisivi e transmitido na Itália no ano 2000, o ator Sergio Castellitto não esqueceu o frade de Pietrelcina. Pelo contrário, ainda sente uma enorme familiaridade com ele.

Castellitto, quem é padre Pio para você?

“Um homem. Um homem da terra, capaz de chorar, que se tornou um homem de Deus, do Céu. Um homem que me marcou tanto que ainda sinto a sua presença perto de mim. Nos sonhos, muitas vezes, os significados passam através de um pedaço de pão, um passeio, mas depois tenho sempre a sensação nítida de ter tido alguma relação com ele. Interpretar padre Pio me transformou. O filme se tornou uma ocasião preciosa para eu me embasar, ler livros, falar com pessoas que o tinham conhecido. E assim, é como se tivesse nascido uma aproximação especial... Pode parecer desrespeitoso, mas me senti escolhido por ele.”

Como se o tivesse chamado... Para você, então, interpretar padre Pio não foi só um trabalho?

“Na minha profissão, representar nunca pode ser apenas um trabalho. Interpretar padre Pio foi um caminho dentro

da espiritualidade, além das convicções religiosas, das perguntas que cada um de nós se coloca.”

Quando padre Pio morreu, em 1968, você tinha 15 anos. Do que você se lembra?

“Eu era muito jovem. Mas padre Pio sempre me foi familiar; somos ambos do Sul da Itália: ele era da província de Benevento; a minha família, de Campobasso. Eu conhecia a sua popularidade, contada pela minha mãe e pelas minhas irmãs. Não chegava a ser seu devoto, mas era fascinado pela sua figura e pela devoção natural, incondicional, que ele conseguia despertar em todos. Padre Pio era como o pão da fé, sobretudo para os últimos.”

Depois, no ano 2000, você interpretou o frade, a partir dos vinte anos até a sua morte. O que você pensou quando lhe propuseram este papel?

“Eu me recordo bem daquele dia: percebi logo que seria uma ocasião irrepetível, porque o personagem continha em si mais do que um mistério, muito além dos estigmas.”

Aos seus olhos, qual era o mistério de padre Pio?

“O mistério da proximidade de Deus na cotidianidade de uma vida simples, rústica. Padre Pio não experimentou a fé só como luz e inteligência, mas também como concretude física. Isso o tornava e o torna muito humano, próximo.”

O que você fez para conhecer melhor Francisco Forgione, que se tornou o capuchinho frei Pio?

“Passei alguns dias em Morcone, o primeiro convento, onde ele fez o noviciado, e onde recebeu o nome de frei Pio.

Eu desejava saborear os hábitos de vida e as regras, a paisagem formada pelos campos, silêncio e auroras, para tentar entender como tinha vivido o frade.”

Que responsabilidade você sentia ao representar um homem tão extraordinário?

“A expectativa do público era altíssima: um daqueles casos em que se é obrigado a estar à altura, senão se é devorado”.

Você se sentia à vontade com túnica e cordão?

“Eu sentia a túnica não como uma vestimenta, mas como o meu corpo. Eu me lembro da lã áspera, que não aquece. Ao cordão, que padre Pio usava também para dar pequenos açoitamentos, eu me sentia apegado por simbolizar a essencialidade.”

Foi difícil para você apropriar-se dos óculos, da barba e do caminhar cansado do frade?

“Interpretar padre Pio na velhice exigiu de mim um grande trabalho sobre o corpo. Perdi vários quilos e para entender a dor que ele sentia ao caminhar, coloquei pedrinhas nos sapatos... A elaboração do sofrimento fez o resto. Um dia fui submetido a cinco horas de maquiagem para envelhecer. No final, quando me olhei no espelho, na penumbra, tive o privilégio de me ver no fim da vida, com uma semelhança incrível ao meu pai.”

Como foi a sua relação com os estigmas?

“Eu os aceitei como um mistério. Depois de tudo, o próprio padre Pio dizia: ‘São um mistério para mim mesmo’. Eu partilhava a reação humana de padre Pio, que diante das feridas sentia medo e se perguntava: ‘por que logo comigo?’.”

Você se sentia mais próximo do padre Pio jovem ou idoso?

“A fase madura da vida de padre Pio tem uma potência enorme, sobretudo pela forma como atraiu as pessoas. Interpretando o padre Pio agonizante, me dei conta da sua capacidade de cativar ainda hoje, e da qual eu era, então, apenas o mediador. Lembro-me de que, depois de ter gravado a cena da última Missa, da qual existem documentários impressionantes, um assistente de direção que se declarava ateu me disse que tinha ficado profundamente comovido.”

Durante as gravações, você esteve por muito tempo em San Giovanni Rotondo, onde o frade viveu por mais de cinquenta anos e onde morreu. Quais emoções evoca esse lugar?

“San Giovanni é um lugar extraordinário: emana ainda o mistério e a grandeza do frade.”

Apesar do comércio que se desenvolveu ao redor do santuário?

“Sim, eu me refiro em particular à *Casa Alívio do Sofrimento*, que é o legado maior do frade. Não em termos de estrutura hospitalar, que é certamente muito importante para o Sul da Itália, mas pela mensagem: o homem que baseia toda a sua existência sobre a resignação ao sofrimento é o mesmo homem que constrói um hospital como lugar para cuidar da alma e do corpo. Um gesto revolucionário, mesmo que, aos olhos de muitos, padre Pio possa parecer tudo menos um revolucionário.”

Há quem diga que com padre Pio o catolicismo corria o risco de voltar à Idade Média. Qual a sua visão sobre a relação entre padre Pio e a Igreja?

“Padre Pio foi muito vetado pelas hierarquias; os maiores obstáculos, certamente, ele os encontrou dentro da Igreja.

Pensemos, por exemplo, em padre Agostino Gemelli [médico, conselheiro do Santo Ofício e, depois, fundador da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão], que definiu o capuchinho como um impostor. Era um “papa” que se contrapunha ao outro papado de maneira desconcertante, surpreendente, com uma força que vinha do imenso crédito que lhe era dado pela base. Algum problema efetivamente deve ter-lhe causado. Não acredito que outros papas amaram padre Pio como João Paulo II.”

O filme sobre padre Pio agradaria ao papa Francisco?

“Digamos que eu ficaria muito feliz se ele o assistisse; muitíssimo, seria realmente uma grande emoção e uma grande honra. Mas sabe, em vez disso, a quem o filme poderia não agradar?”

Não. Quem torceria o nariz?

“Padre Pio! Ríspido como era, certamente me reprovava em alguma coisa.”

No dia 16 de junho de 2002, quando padre Pio foi proclamado santo, que efeito lhe provocou a canonização?

“Ver na Praça São Pedro o enorme retrato de padre Pio sendo desvelado foi uma emoção imensa. Foi como se naquele momento o encontro entre o padre polonês e o frade rude se concretizasse.”

Em sua opinião, por que o frade de Pietrelcina é santo?

“É santo porque o mundo o quis, o povo. É santo porque encontrou no seu caminho outro santo, um jovem padre polonês que depois se tornaria papa. Gosto de lembrar uma

anedota da relação entre padre Pio e Karol Wojtyła: o pedido de graça do sacerdote polonês para a amiga Wanda Póltawska e a resposta que teria dado o frade: ‘A este não se pode dizer não’. Milhões de pessoas depositaram e continuam depositando nele suas dores e esperanças. Padre Pio foi e é como um fígado: deixa-se transpassar e assim filtra as dores dos outros.”

O filme “Padre Pio” foi transmitido diversas vezes na televisão italiana. Como você se sente revendo-se no papel do frade?

“Fico muito emocionado. A última vez que revi o filme, estava comigo o mais novo dos meus quatro filhos. César tem sete anos, e não conseguiu me reconhecer. Assistir ao filme com ele foi o último presente daquela experiência. Os filhos maiores já o tinham visto, e conversamos a respeito como de uma obra bonita, da qual se orgulhar.”

Qual foi a maior satisfação que lhe trouxe interpretar padre Pio?

“Ter conseguido desmistificar o ‘santinho’ para apresentar um homem, um frade e um santo verdadeiro na sua complexidade.”

Castellitto, você tem fé?

“Definiria a minha fé como disse, falando de si, Leonardo Mondadori [editor falecido em 2002, que lançou como escritora Margaret Mazzantini, esposa do ator]: acreditar sem pertencer. Acreditar nos homens, nas pessoas, na vontade de mudança da Igreja. E é justamente a essa Igreja que tem uma centralidade absoluta na história da humanidade e que é também a minha Igreja que peço que tenha coragem de renovar-se, de tentar ser sempre mais à altura dos homens que, como padre Pio, a representaram grandiosamente.”

A arte continua sendo um tipo de ponte que leva à fé, um apelo ao mistério. Com esses pensamentos, João Paulo II, na Carta aos artistas, de 1999, explicava por que “a Igreja precisa da arte”. Isso é verdade também hoje em dia?

“A essa pergunta teria respondido melhor Michelangelo [que por volta de 1500 pintou os afrescos na Capela Sistina, no Vaticano]. De qualquer forma, acredito que a arte seja sempre um gesto de espiritualidade, um gesto de esperança. E justamente porque, a meu ver, o cristianismo deveria ser uma oportunidade, uma esperança, a Igreja tem ainda necessidade da arte.”

O que diria padre Pio ao homem de hoje?

“*Ora et labora*, reze e trabalhe. Onde trabalhar deve ser entendido no sentido humano, o trabalhar sobre si mesmo e sobre a própria vida. Todos deveriam conhecer padre Pio: crentes, ateus, adultos e jovens. Cada religião concede ao mundo grandes homens, que no fundo dizem algo semelhante. Como Madre Teresa, padre Pio é um deles, o seu lugar é no *Pantheon* dos grandes.”